



CARTOGRAFIA DE UMA ESCRITA EM VERTIGEM: COMO HABITAR OS LUGARES A PARTIR DA PALAVRA

CARTOGRAPHY OF A WRITING IN VERTIGO: HOW TO INHABIT PLACES THROUGH WORDS

Bianca De-Zotti¹
Universidade Federal de Pelotas
Helene Sacco²
Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

O presente artigo está vinculado à pesquisa de mestrado “A Leitura e a Escrita do lugar como dispositivo cartográfico nas artes visuais”, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, do programa de Pós-Graduação em Artes (UFPEL). Como metodologia, utilizo a cartografia como possibilidade de criação de novas sensibilidades perceptivas e novos movimentos de transformação imaginativa do espaço. Artigo dois trabalhos poéticos de minha autoria, “Mapa para se perder” e “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer”, que possuem a leitura, a escrita e a relação com o lugar como fio condutor. Percorro a ideia de escrita em vertigem e a leitura e a escrita do lugar como cartografia, propondo uma outra experiência e percepção dos lugares e objetos do cotidiano. Por fim, abordo também o potencial da palavra de fundar um lugar, um tempo e um ritmo.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura/Escrita como prática artística. Lugar. Cartografia. Performatividade da Palavra. Escrita como pele.

ABSTRACT

This article is linked to the master's research "Reading and Writing of Places as a Cartographic Device in Visual Arts", within the research line of Creation Processes and Poetics of Ordinary, of the Postgraduate Program in Arts (UFPEL). As methodology, I employ cartography as a possibility for creating new perceptual sensitivities and new movements of imaginative transformation of space. I discuss two poetic works of my own, "Map to Get Lost" and "Peel Off the Skin of Things Left Unsaid", which have reading, writing, and the relationship with

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Licenciada em Letras na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5317953524790457>

² Professora e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Artes Visuais, na linha de pesquisa em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS. Possui Mestrado em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais, pela mesma instituição. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7729369777149419>



places as guiding threads. I explore the idea of writing in vertigo and reading and writing of places as cartography, proposing another experience and perception of ordinary places and objects. Finally, I also address the potential of words to create a place, a time, and a rhythm.

KEYWORDS

Reading/Writing as Artistic Practice. Place. Cartography. Performativity of Words. Writing as Skin.

Escrita em Vertigem

Meu interesse em pesquisar a palavra interligada com a criação poética, em relação com o suporte do livro, é demarcado a partir do lugar que ocupo na minha pesquisa de mestrado, uma vez que possuo formação em Letras, meu olhar é direcionado à palavra e à escrita. Como pesquisadora no campo da Arte, a via que me interessa é explorar a fronteira entre as artes visuais e a literatura. A escrita, para mim, é ir em direção de algo, e esse algo acaba sendo sempre, inevitavelmente, nós mesmos. É por isso que escrevo, pelo alívio e pelo desespero de perceber que não sou nada além de mim.

Conforme a escritora Elena Ferrante (2023), escrever é como remexer os túmulos de um cemitério infinito: nenhuma palavra é realmente nossa, tudo tem uma longa história atrás de si e, por isso, a nossa escrita é uma apropriação de tudo aquilo que já foi escrito. Para a autora, escrever é acomodar-se em tudo o que já foi escrito e, dentro do limite da própria vertiginosa individualidade, tornar-se escrita. Por isso, Ferrante (2023) coloca como desafio como podemos aprender a usar com liberdade essa jaula da linguagem na qual estamos presas. Para mim, reconhecer esse lugar que habito e que me habita, que é indissociável ao meu ser, e que é produzido a partir de todas as minhas apropriações, é aprender a usar as palavras com mais liberdade, transgredindo as margens que nos limitam.

Elena Ferrante (2023) identifica em seu processo criativo duas escritas: a escrita bem calibrada, equilibrada, bem enquadrada dentro da jaula, a escrita que a fez pensar que sabia escrever, e a escrita impetuosa, que ora irrompe, ora desaparece, ora parece vir de uma só pessoa, ora é uma multidão, ora é pequena, sussurrada, ora se agiganta e grita. Ferrante (2023) escreve à espera da verdadeira escrita, que, segundo



a autora, não é um gesto elegante, estudado, mas um ato convulso, em que ela aceita não aquilo que serve, mas, justamente, a escrita que surge.

Assim, penso sobre essa escrita desequilibrada e incontrolável como uma escrita em vertigem. A vertigem, conforme o seguinte trecho do livro “A insustentável leveza do ser”, não está relacionada ao medo de cair, mas com a atração pelo que está abaixo, o desejo da queda: “A vertigem não é o medo de cair, é outra coisa. É a voz do vazio embaixo de nós, que nos atrai e nos envolve, é o desejo da queda do qual logo nos defendemos aterrorizados.” (KUNDERA, 1985, p. 58). A escrita em vertigem, então, é essa escrita que se atrai pelo que está fora da margem do papel e das linhas que aprisionam a palavra, é uma escrita que acessa o lugar que dói, que evitamos adentrar. Uma escrita que é enfeitiçada pelo não dito, que deseja arrancar a pele das coisas para descobrir a outra camada, e a outra, e a outra, e a outra. Uma escrita que se interessa pelo devaneio, pela repetição, por tudo aquilo que surge no ato de escrever, sem refinamento. O formato bruto, que parece ter sido extraído diretamente dos nossos pensamentos, a maneira como arrastamos para fora o nosso “dentro” por meio da palavra escrita. É a forma que, imagino, podemos encontrar mais liberdade na jaula.

Nesse processo de criar sentido, de deslocar nossa voz para o papel, de posicionar as letras para formar palavras, e as palavras para formar frases, há sempre algo que se perde pelo caminho. Tenho a impressão de que, quando escrevo, há sempre coisas que ficam “por dizer”. Como um pacto silencioso que é firmado nos espaços em branco do papel, em um acordo silencioso de que as palavras não são absolutas, guardo algo que é só meu.

Nos trabalhos “Mapa para se perder” e “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer”, que serão apresentados no decorrer deste artigo, escrevo como uma maneira de olhar e entender o mundo através da palavra. Escrevo indo em direção a algo, venho de mim e vou em direção aos lugares, na busca de encontrar uma forma de olhar o mundo que me ajude a arrancar a pele das coisas e conhecê-las mais intimamente. Nessa busca, me perco pelo caminho e acolho essa errância. O desvio



é a vertigem, é a “verdadeira escrita”, é o que surge. A escrita em vertigem equilibra o real e a ficção, escorregando entre um e outro.

A Leitura e Escrita do lugar como Cartografia

Como metodologia utilizo a cartografia que, no campo da arte, auxilia o artista pesquisador a processar suas reflexões e práticas durante o processo de criação, uma vez que os procedimentos cartográficos não são baseados em regras e protocolos precedentes, mas buscam acompanhar um processo. Conforme Suely Rolnik (2016) em “Cartografia Sentimental”, o artista cartógrafo constrói as regras de um jogo, que é subjetivo e aberto à proposição. Nesse jogo, a cartografia é desenhada e toma forma conforme o cartógrafo percorre o território. Por isso, segundo a autora, a cartografia se diferencia do mapa, uma representação estática, pois a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.” (ROLNIK, 2016, p.23).

De acordo com Renata Marquez (2014), todo mapa reflete um ponto de vista cultural, traçando o mundo a partir das relações do lugar de onde é visto. Dessa forma, a cartografia é um modo de construir o mundo que revela uma posição social resultante de processos culturais e históricos, transformando-se a partir dos contextos. O mapa como relato, para Marquez (2014), reflete a ampliação da cartografia como uma experiência múltipla, capaz de inventariar a qualidade poética da vida e que, no contexto atual, é uma possibilidade para criar novas sensibilidades perceptivas e novos movimentos de transformação imaginativa do espaço. Nesse sentido, a autora argumenta que, se mapear é instrumentalizar o mundo, essa ação possui uma margem de desobediência que se constitui como um desafio por conta da complexidade de conter, ou representar, um espaço que possui múltiplas camadas de significação e de relações. “Tal margem mina a estabilidade do mapa enquanto relato que se pretende inventário do mundo.” (MARQUEZ, 2014, p.27)

No contexto da presente pesquisa, essa noção de desobediência cartográfica está presente na investigação das relações criadas a partir do lugar que habitamos, e como essa relação atravessa não apenas nosso fazer artístico, mas também nossa



percepção do mundo. Assim como a palavra, a cartografia estrutura um modo de pensar, é capaz de criar ou destruir, tornar visível ou apagar os lugares e espaços. Dessa forma, a via que interessa é investigar quais são as formas possíveis de cartografar o território, e como podemos compartilhar essa experiência sensível? Como produzir nossas próprias cartografias, mapas e escritas através da arte? E como essa cartografia sensível pode desestabilizar ordens e narrativas estabelecidas do mundo? Em minha pesquisa de mestrado, essa cartografia se lança em direção à palavra, à escrita e à leitura dos lugares: assumir uma escrita vertiginosa, que desobedece as margens e que parte das nossas próprias referências, que conta sobre o nosso ponto de vista, os nossos lugares, com o nosso próprio modo de contar, escrever, falar, com nossas próprias palavras.

O lugar, conforme Yi-Fu Tuan (2015), representa a segurança, a pausa e a estabilidade, em oposição à liberdade do espaço: “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (2015, p.13). O autor (2015) considera que medir e mapear o espaço e lugar, adquirir leis espaciais e recursos por meio de nossos esforços são abordagens importantes, no entanto, esse mapeamento também pode ser complementado por dados experienciais, pois, segundo o geógrafo, enquanto seres humanos “(...) temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos e sentimentos. Temos a visão do interior dos fatos humanos, uma asserção que não podemos fazer a respeito de outros tipos de fatos.” (2015, p. 13)

Por isso, a maneira como atribuímos significado e organizamos os lugares está relacionada às experiências que vivenciamos neles, e esse (re)conhecimento do lugar através da experiência é uma criação que envolve sentimento e pensamento, segundo Tuan (2015). Atribuímos todos os tipos de significados para os lugares. O autor (2015) afirma que “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história.” (TUAN, 2015, p.46). O que contam os lugares? Quais são as histórias que um lugar pode carregar em suas particularidades? O que as pessoas que o habitam contam sobre esse lugar, a partir das experiências que vivem ou viveram nele? Então, pensando sobre a relação



entre os lugares e as histórias, me pergunto: É possível ler, ou então escrever, um lugar? Em minha pesquisa, busco identificar a minha forma de escrever lugares pois, assim como os mapas, a palavra também revela uma localização. Assim, penso que só existe uma forma de escrever: a partir de si.

Escrever um lugar, então, significa trazer a espacialidade do lugar para a escrita e, através dela, criar um lugar outro, o qual é possível acessar pela leitura. Segundo Michèle Petit (2019), as leituras, imagens e gestos artísticos emprestam aos lugares cotidianos profundidade, tornando-os mais habitáveis, “permitindo olhar o que estava ali e que não se via, ou que não se via mais, reencontrar a estranheza em um universo rotineiro.” (PETIT, 2019, p.120)

O lugar escrito torna-se outro, a escrita o transforma: acrescentam-se camadas, peles, à esse lugar e, assim, não importa mais se é real ou imaginado, pois ganha uma existência própria através da palavra. Para Petit (2019), as trocas entre os lugares materiais e ficcionais são incessantes, um alimenta a existência do outro:

Territórios familiares servirão de cenário e estrutura às páginas lidas. Espaços literários ou cinematográficos se atrelarão a um ponto do real e este será transformado. Ao menos é desejável que assim seja para que, ao percorrer as ruas ou as praças, as margens do rio ou os jardins, abram-se lembranças, devaneios, todo um “interior”. Para que o olhar lançado sobre o que nos rodeia seja vivo.” (PETIT, 2019, p.122)

Dessa forma, identifico que a leitura e a escrita dos lugares é uma parte essencial do meu processo artístico, pois consiste em uma alteração na forma de olhar o mundo: lançar o olhar e (re)ver aquilo que já foi visto, ressignificar o que se tornou imperceptível aos nossos sentidos. Para escrever sobre os lugares e inscrever as palavras no mundo, é preciso notar com atenção o lugar a partir de onde se escreve. Então, complementando o que falei antes sobre a escrita: escrevo, inevitavelmente, a partir de mim, mas também estou sempre em busca de ser, ou tornar-me, outra, olhar o mundo não através dos meus olhos, mas de alguém que vê pela primeira vez a beleza das coisas comuns.



Um dos trabalhos desenvolvidos ao longo da minha pesquisa de mestrado é intitulado “Mapa para se perder” (2023), uma publicação (Imagem 1, 2 e 3) que trata sobre a perda de um lugar, sob o viés de encontrar e fundar um novo espaço para habitar, desfazer uma casa e refazê-la em outro território. É composta por três poemas, cujos versos compõem as linhas dos mapas das cidades de Rio Grande e Pelotas. Os mapas se desdobram, ligados um ao outro em uma sobreposição de espaços e tempos. O passado entremeia-se com a casa que está sendo construída no presente e a casa imaginada do futuro, ao mesmo tempo que carregamos conosco as casas que já nos habitaram através dos objetos ou das memórias.



Imagem 1. Publicação Mapa para se perder, 2023. Impressão em papel sulfite 90g, 7cm X 7cm.

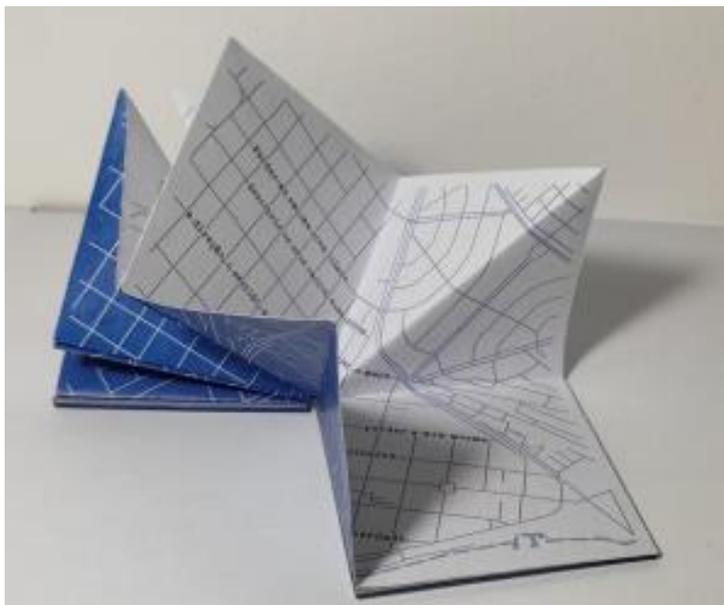


Imagem 2. Publicação Mapa para se perder, 2023. Impressão em papel sulfite 90g, 7cm X 7cm.

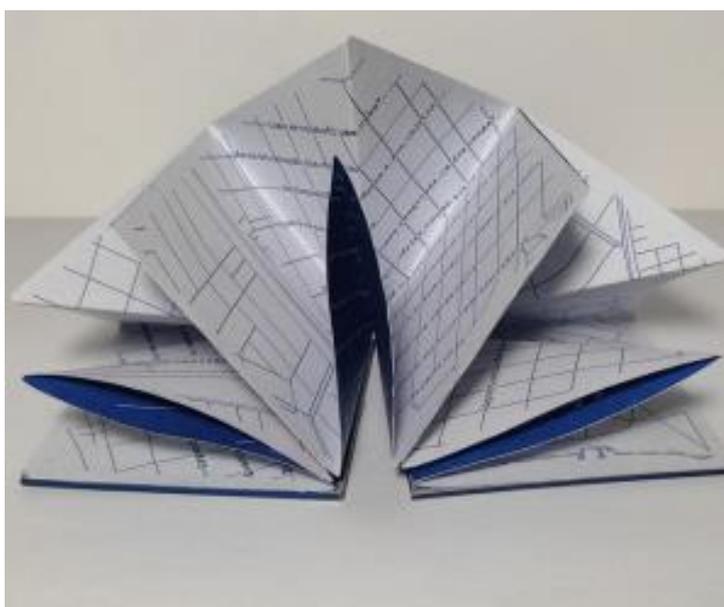


Imagem 3. Publicação Mapa para se perder, 2023. Impressão em papel sulfite 90g, 7cm X 7cm.

O primeiro poema está sobre o mapa da minha cidade natal, Rio Grande, RS. No recorte desse mapa aparece a rua da casa onde morei durante toda a minha vida. Esse primeiro poema fala sobre o momento de partir, de fazer as malas e me desfazer de tudo aquilo que não deve ser carregado nessa nova etapa: “abrir espaço para me tornar uma outra que já não cabe mais aqui nesse lugar”.



Nesse processo, passei a me questionar quais são os gestos, qual é a rotina, o modo de organizar, qual é o modo de habitar que cria esse sentimento de pertencimento. Para Michèle Petit (2019), o que torna os lugares habitáveis é a presença ou a lembrança, entre suas paredes, dos seres amados: “é, ainda, não se limitarem à realidade material, mas serem arejados por uma parte imaginária que transforma o familiar e o abre a um outro lugar, uma outra dimensão, um pouco como um sonho, como algo cuja impressão nós preservamos.” (PETIT, 2019, p. 139-140). Construimos os nossos lugares a partir dessa dimensão do imaginário, acrescentando uma qualidade poética e costurando fragmentos fictícios que depositam ali nossa essência, a fim de dar forma aos lugares onde habitamos. Nesse sentido, os objetos possuem um papel essencial para projetar em nosso cotidiano “um pouco de beleza, de fábulas, de devaneios, de histórias que jamais aconteceram, que talvez jamais aconteçam, mas que ainda assim contribuem para nos definir.” (PETIT, 2019, p.139)

O segundo poema está sobre o mapa da cidade de Pelotas, RS, e fala sobre a casa imaginada que, no meu caso, foi construída a partir de objetos antigos que vieram de casas que já amei, casas que já me habitaram. Encontro essas casas espalhadas pelo meu apartamento diariamente, no formato de objetos e móveis que me lembram da minha família: a louça herdada dos meus bisavós, os móveis que meu pai construiu, o filtro de barro da minha avó materna que minha mãe transformou em vaso de planta, a sapateira dos meus avós. Conforme Jean Baudrillard (2006, p.22) “Os objetos existem aí primeiro para personificar as relações humanas, povoar o espaço que dividem entre si e possuir uma alma”. Para o autor (2006), esses objetos possuem uma presença, e representam a permanência do grupo. É quase como se os próprios objetos contassem suas histórias simplesmente pela sua materialidade. Ainda que não contem de fato, há uma presença inconfundível que torna esses objetos singulares e afetivos.

Nesse sentido, para Michel de Certeau (1996, p. 204), um lugar habitado pela mesma pessoa durante certo tempo esboça um retrato, uma espécie de “relato de vida” composto pelos objetos, móveis, escolhas e convenções, mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra. Por isso, finalizo o segundo poema da seguinte forma: “Em algum lugar dessa casa, há uma parte que precisa ser encontrada



diariamente, uma parte vital”. Ao mesmo tempo que os objetos representam essa relação familiar e me lembram de uma parte essencial da história da minha existência, também preciso encontrar quem sou hoje, nesse corpo que habita o tempo presente, e construir novas memórias.

Enquanto um novo espaço se desdobra, sinto a dor da perda e do luto de uma parte de mim que ficou para trás, na minha cidade natal, na casa dos meus pais. Essa perda de si é inevitável, e entendo que ela é necessária para construir algo novo. No terceiro poema, que também está sobre o mapa da cidade de Pelotas, construo o pensamento de que essa perda é, também, uma oportunidade de crescimento e de transformação. Assim, “Mapa para se perder” é uma cartografia que se expande a partir da mudança de cidade e de casa, se desdobra através das experiências de vida e dos modos de habitar, que estão sempre em movimento e em contínua construção.

Escrita, Pele e Performatividade da palavra

Daniela Mattos (2013) apresenta uma noção de escrita que se produz “epidermicamente”, uma escrita como pele, que faz do texto uma superfície cheia de poros. Essa escrita-pele, ao se formar, é também um exercício performativo e experimental (MATTOS, 2013). Segundo a autora, é uma escrita que “se faz no entre: é poesia, mas não é; é prosa, mas não é; é ficção, mas não é.” (MATTOS, 2013, p. 58)

costurar, coser com linha heterogênea, a pele do mundo à pele da escrita. perceber o que se passa na reação entre as peles, que unidas sem cuidado, se esgarçam e podem necrosar. perceber ainda, quando é necessário o uso da linha, ou apenas uma aproximação das superfícies, para que se colem uma à outra. [...] perder-se no labirinto da escrita. roçar em sua pele. cobrir-se com ela e entender o que está entre. não entender o que está entre mas criar o que pode haver ali. (MATTOS, 2013, p. 43)

Conforme a pesquisadora Tania Mara Galli Fonseca (2003), para o artista e arquiteto austríaco Hundertwasser, “a metáfora da pele é revestida pela ideia de



permeabilidade e plasticidade, permitindo a criação de espaços onde forma e conteúdo se confundem e se produzem recíproca e inseparavelmente.” (FONSECA, 2003, p. 254). Segundo Fonseca (2003), para Hundertwasser, a pele é como um envelope, delimita um espaço do corpo habitado por forças e intensidades, é uma interface suscetível aos movimentos de dobrar e desdobrar-se, é a fronteira entre o dentro e o fora. Segundo o autor, existiriam cinco-peles: a epiderme, o vestuário, a casa, o meio social e o meio global.

A partir dessa metáfora das cinco peles de Hundertwasser, e da escrita como pele, pensada a partir de Mattos (2013), desenvolvi uma escrita que desenha as linhas de um mapa-narrativa e que cartografa as relações entre corpo, casa e cidade. Essa escrita surge a partir de um corpo-lugar, que se territorializa e desterritorializa, um corpo que possui a palavra engessada nos ossos, circulando pelas veias, escorrendo pelos poros, circunscrita sob a pele. “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer” é uma publicação (Imagem 4) que consiste em um bloco de notas com 23 páginas de papel pólen. No processo de criação desse trabalho meu intuito era que o papel pudesse ser arrancado como uma espécie de pele, revelando uma outra camada por baixo.

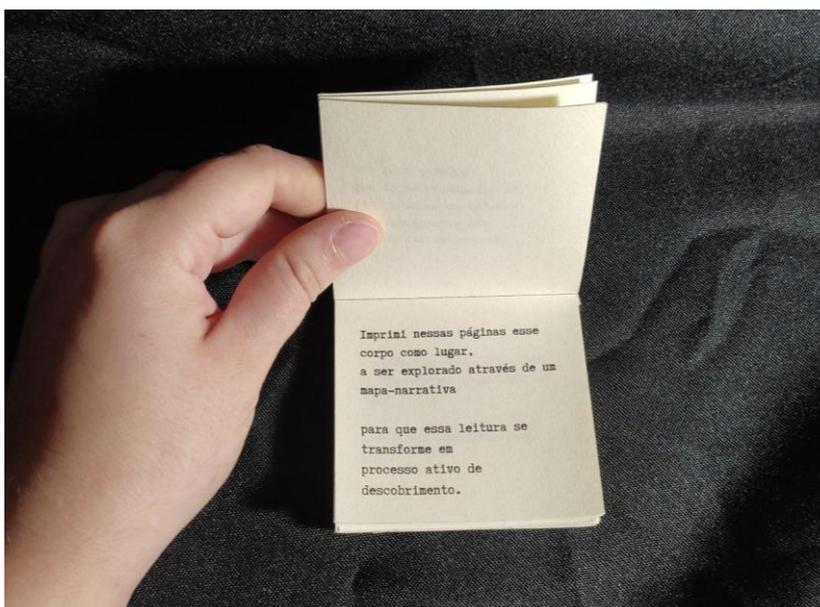


Imagem 4. Publicação Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer, 2023. Impressão em papel pólen, 7cm X 7cm.



A cada papel arrancado, arranco a pele das palavras, das coisas, do corpo, da casa, da cidade, o que há para ser descoberto? O que é essa camada debaixo da pele das coisas? Para Nuno Ramos (1993), é apenas uma repetição monótona da superfície: “Comecei a arrancar a pele das coisas. Queria ver o que havia debaixo. [...] Por trás de cada pele, portanto, encontrei apenas formas degradadas da pele superficial.” (RAMOS, 1993, p.29). Para que o gesto de arrancar o papel no momento da escrita fosse possível, desenvolvi a publicação no formato de um bloco de notas feito com cola branca. O formato 7x7 cm foi determinado de forma a aproveitar melhor o espaço de uma folha A4.

A escrita e a leitura dos poemas em “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer”, é marcada pelo gesto de arrancar, desvelar, descobrir algo que está oculto. O texto é pensado como lugar para esse movimento. É uma escrita que aproxima-se da performance e da noção de performatividade, pois é ativada através de uma leitura em voz alta ao mesmo tempo que as folhas do bloco de notas são arrancadas uma a uma. Dessa forma, propõe-se performar a escrita através de um gesto mínimo: arrancar a pele das coisas, arrancar a pele das palavras.

A performance do texto “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer” (Imagem 5, 6 e 7) foi realizada no dia 29 de novembro de 2023, no átrio expositivo do prédio do curso de graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A leitura fez parte da abertura da exposição coletiva *Limiar*, organizada pelo Diretório Acadêmico do curso de Artes. O ato de ler em voz alta teve como objetivo um redimensionamento da escrita, explorar não apenas o papel, mas também a voz como suporte do texto, projetar a escrita em movimento, fazer a palavra dançar. Conforme afirma Fabio Morais (2016), escrever no campo das artes visuais trata-se também da decisão de como a palavra será inscrita no mundo dos objetos ou das ações: “Escrever, nas artes visuais, significa inscrever a escrita no mundo dos objetos ou das ações – onde a página é apenas uma entre um trilhão de possibilidades – ou seja, trata-se da criação verbal e da decisão de como ela será inscrita no mundo.” (MORAIS, 2016, p. 2).



Imagem 5. Leitura performativa do trabalho Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer, 2023.
FURG.



Imagem 6. Leitura performativa do trabalho Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer, 2023.
FURG.

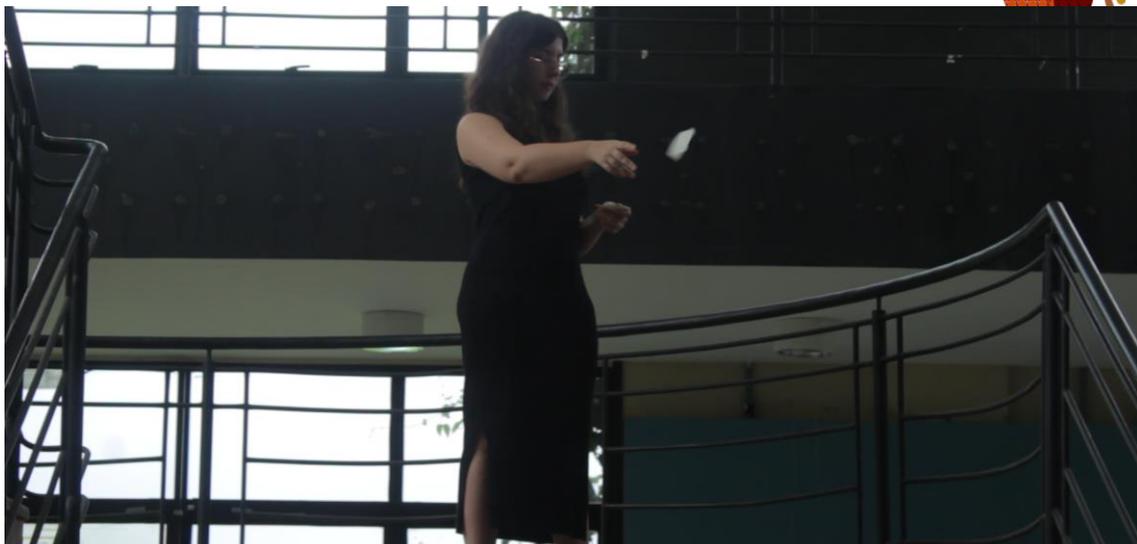


Imagem 7. Leitura performativa do trabalho Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer, 2023. FURG.

Durante a leitura performativa dos poemas do bloco de notas, o gesto de arrancar foi acompanhado pela pausa da voz, o silêncio que, às vezes, se estendia mais, às vezes era mais breve. O texto, que trata sobre a busca por criar um lugar e sobre como transformar o corpo, a casa e a cidade em lugares habitáveis, também inaugura um tempo e espaço únicos através da leitura em voz alta. Esse tempo e espaço da leitura é um convite de visita àqueles que escutavam, de se colocar na pele de outra pessoa e reconhecer no outro os nossos próprios sentimentos, tudo aquilo que nos encanta, nos assombra, intimida, e que pertence a todos.

A leitura performativa de um texto impõe um momento de presença que condiz com um tempo específico daquela leitura, uma vez que a escuta acompanha o ritmo daquele que lê. Por exemplo, na performance *Momento Vital* (1979/2013), a artista Vera Chaves Barcellos está sentada atrás de uma mesa e folheia um livro, lendo em voz alta uma narração que trata sobre o momento presente daquela leitura. A cada página virada pela artista, uma nova palavra soma-se à narrativa, desenvolvendo assim uma composição que marca o tempo e o ritmo da leitura. O texto lido é uma reafirmação não apenas do tempo presente, uma vez que reatualiza as palavras ao retomá-las e repetir o texto desde o início, a cada página lida, mas também da presença da artista enquanto lê, já que o texto narra o que ela está vendo e sentindo naquele momento. Ainda, existe um outro tempo sendo tecido naquele momento, um



tempo interno que acontece de forma diferente para cada um, “Pois o tempo da leitura não se reduz àquele em que viramos as páginas ou àquele em que ouvimos alguém ler em voz alta. O devaneio e as lembranças de uma leitura fazem parte dela.” (PETIT, 2019, p.50). Dessa forma, essa leitura em voz alta também conta com uma escuta em suspensão.

Já na performance *Quando o corpo acontece* (2014), de Luana Navarro, a artista lê um texto que possui tom pessoal e intimista, e que perpassa questões biográficas ao mesclar relatos e ficções. No meio da leitura, ela distribui um pacote de balas ao público. A pausa no discurso realizada no momento da distribuição das balas intensifica a noção de tempo, pois o processo de comer as balas em silêncio coletivamente simboliza o compartilhamento daquele tempo. Para a artista (2016), realizar uma leitura em voz alta é provocar e deslocar imagens do corpo em um processo acentuado na condição presencial e de ocupação do espaço que acontece pela reverberação da voz. Conforme Navarro (2016), a leitura em voz alta e ao vivo pode construir a sensação de uma ação contínua, o “aqui e agora” é construído como um espaço para acontecimento do trabalho. Em ações ao vivo, a leitura conduz a instauração de uma passagem do tempo, propõe o ritmo desta passagem, o tempo escorre diante do outro. Segundo a artista (2016), é fundamental assumir o tempo presente como condição de acontecimento do trabalho. Dessa forma, a palavra, seja ela escrita ou não, lida em silêncio ou em voz alta, possui o potencial de fundar um lugar, um tempo, um ritmo.

Os trabalhos apresentados, “Mapa para se perder” e “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer”, se encontram interligados por essa cartografia que tece relações entre o mundo interior e exterior: corpo, casa e cidade. Ao mesmo tempo, é uma cartografia dos modos de habitar os lugares e de como a palavra nos oferece outras formas possíveis de imaginar o mundo ao nosso redor. Assim, identifico especificidades no processo de criação desses dois trabalhos artísticos que me levam a tatear pistas sobre as coisas que me motivam a criar: a leitura dos lugares, o desejo de contar histórias, a presença dos objetos e da memória, bem como uma necessidade de que a vida se aproxime da poesia.



Pensar a escrita como forma de criar lugares, aproximar a palavra dos objetos e gestos cotidianos, é também uma proposta de alteração na forma de olhar o mundo que nasce de maneira despretensiosa. É um convite a desautomatizar o olhar através da arte, (re)ver aquilo que já foi visto e ressignificar o que se tornou imperceptível aos nossos sentidos.

Se tanto a cartografia quanto a linguagem são construtoras das nossas formas de pensar, perceber e estar no mundo, assumir a nossa voz, escrever em vertigem, equilibrando-se entre aquilo que esperamos que a escrita seja e aquilo que ela realmente é, aceitando o que surge no processo e assumindo que esse é o nosso lugar de fala, é uma das formas possíveis de trazer à tona a desobediência que foi discutida anteriormente: olhar para o nosso próprio ponto de referência e criar a partir dele.

Referências

BARCELLOS, Vera Chaves. Momento Vital. Youtube, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dnl_VJp4zFY&ab_channel=verachavesbarcellos Acesso em: maio de 2024.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos Objetos. São Paulo: Editora Perspectiva, 4ª ed., 2006.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1. Artes do Fazer. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano: 2 morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERRANTE, Elena. As margens e o ditado: Sobre os prazeres de ler e escrever. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca. 1ª ed., 2023.

FONSECA, Tania Mara Galli. A Cidade Subjetiva. In: FONSECA, T.M.G; KIRST, P.G. (Org) Cartografias e Devires: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

KUNDERA, Milan. A insustentável leveza do ser. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

MARQUEZ, Renata. O mapa como relato. In: Ra'e Ga: o espaço geográfico em análise, v.30, p.41-64, abr/2014. Curitiba: UFPR, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36082>, acesso em Abril de 2024.

MATTOS, Daniela de Oliveira. Performance como texto, escrita como pele. 2013. 198 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Clínica, Programa de Estudos Pós-Graduados em



Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15287/1/Daniela%20de%20Oliveira%20Mattos.pdf>
Acesso em: maio de 2024.

MORAIS, Fabio. Fabio Morais entrevista Fabio Morais. Instituto Tomie Ohtake, 2016. Disponível em: https://www.institutotomieohtake.org.br/media/acao_educativa/blog/marco/post-fabio-morais.pdf Acesso em: 02 maio 2024.

NAVARRO, Luana. Quando o corpo acontece. Youtube, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/uQdNtV6ziS4> acesso em maio de 2024.

NAVARRO, Luana Assis. Quando o corpo acontece. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000021/00002126.pdf> acesso em maio de 2024.

PETIT, Michèle. Ler o mundo: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34. 1ª ed., 2019.

RAMOS, Nuno. Cujo. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo, 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

Notas